

**O discurso anticomunista católico e as imagens da
Guerra Civil na Espanha: ordem x desordem**
Marco Antônio Machado Lima Pereira*

Resumo:

O cerne desta proposta é apresentar algumas reflexões advindas da análise qualitativa da produção de artigos/matérias veiculados pelo periódico católico *O Santuário*, sobretudo com relação ao advento da Guerra Civil Espanhola. Além disso, parte integrante deste trabalho consiste em estudar e entender o fenômeno do “engajamento” político da Igreja no Brasil.

Palavras-chave: Anticomunismo católico, política, guerra civil espanhola.

Abstract:

The inner idea of this paper is intended to present some reflections articulated with the qualitative analysis of production of articles and issues from the periodical *O Santuário*, principally in relation the advent of the Spanish War. In addition, part of this paper consists in studying and understanding the political “engagement” phenomena of Catholic Church in Brazil.

Keywords: Catholic anti-communism, politics, Spanish Civil War.

* Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Franca). E-mail: mamlpereira@hotmail.com.

Introdução

A guerra civil espanhola chamou atenção das lentes do mundo inteiro, sobretudo da Igreja Católica, merecendo destaque em diversos artigos/matérias publicados pelo *Santuário* ao longo do ano de 1936. Levando em conta as considerações de Kowalewski e Greil, durante a guerra civil a hierarquia da Igreja Católica Romana esteve profundamente envolvida ao conferir legitimidade e apoio aos generais que se opunham ao regime republicano, em decorrência do seu caráter ateu e anticlerical (KOWALEWSKI & GREIL, 1990: 518). Diante deste quadro, conforme a perspectiva destes autores, a Igreja então encontrou uma maneira para justificar uma revolta contra o regime republicano que revogou o benéfico e mútuo contrato entre Igreja e Estado. Vale sublinhar que Kowalewski e Greil entendem como contrato social o acordo tácito ou explícito por meio do qual a Igreja dialoga com o Estado através da política, da economia, das normas sociais, via serviços religiosos, educação e, por conseguinte, pela não interferência estatal e/ou auxílio nas atividades religiosas (Idem, 1990: 516-517).

Ademais, o grau de estabilidade do contrato social estatuído entre a hierarquia eclesiástica e o Estado influencia de forma decisiva a organização religiosa, bem como a identificação e/ou dependência da Igreja em relação ao regime político. Para colocar à prova suas observações, os autores sustentam que a rebelião mexicana e a Guerra Civil Espanhola representam instâncias contra-revolucionárias, nas quais as igrejas rejeitaram os regimes institucionais. Por sua vez, tais regimes removeram as organizações religiosas das posições de influência. Dito isto, quando focamos nossa análise nos artigos/matérias publicados a respeito da Guerra Civil Espanhola em 1936, notamos que o grau de atenção das autoridades eclesiásticas em relação ao comunismo se acentuou consideravelmente. Como disse o historiador Pierre Vilar:

A Espanha do século XX herda do século XIX graves desequilíbrios; sociais: vestígios do antigo regime agrário, estruturas incoerentes da indústria; regionais: um desenvolvimento desigual opõe, mental

e materialmente, no seio do Estado, antigas formações históricas; espirituais: a Igreja Católica mantém uma pretensão dominadora, à qual responde um anticlericalismo militante, político-ideológico em uma certa burguesia, passional nas massas populares anarquistas. É o peso desses problemas que é preciso medir antes de mais nada (VILAR, 1989: 11).

Para Pierre Vilar, a Guerra Civil Espanhola foi com uma certa frequência descrita como uma guerra de religião. No entanto, o autor acredita que o conflito de 1936 não foi gerado pelos contrastes culturais e, simultaneamente, pelos choques doutrinários entre, por exemplo, as convicções católicas e o ateísmo militante dos anarquistas:

A imputação ao espiritual existe. Mas o que conta, por intermédio do fato político, são as reações passionais aos temores e às esperanças sociais. Com a intervenção daquilo que chamamos 'causalidades diabólicas'. Por um lado, só vimos pretensos servidores de Deus defendendo o capital e o Antigo Regime, por outro lado, os inimigos de Deus organizando a Revolução. Observemos, contudo, no campo conservador, a utilização de uma fórmula que é bem do século XX: aquela do 'complô bolchevique-judeu-maçônico', o segundo termo aparecendo com a progressão das influências fascistas (Idem, 1989: 24).

Em seguida, o autor atesta que "a violência interna das lutas de classe e os hábitos espanhóis (não digo o temperamento) são amplamente suficientes para explicar o desencadeamento do conflito" (Idem, 1989: 42), embora no que diz respeito a sua extensão e duração não se possa dizer o mesmo. Segundo Vilar, entre 1931 e 1933 a Igreja pôde sentir-se de fato ameaçada na sua situação dominante tradicional, e em seus próprios princípios, nos seguintes aspectos: pela proclamação da liberdade religiosa dos cidadãos; pela separação das Igrejas e do Estado; pela legalização do divórcio; pelas leis sobre as congregações e a escola, que acabavam com a identificação entre o Estado espanhol e a doutrina católica (Idem, 1989: 25-26). Diante desse quadro, não surpreende que a hierarquia católica, ante a perseguição dos padres e da proibição do culto em zona republicana, tenha pregado a "cruzada"

em nome do “nacional catolicismo”. Em conformidade com o autor, na Espanha, a Igreja Católica sempre se confundiu com as classes dominantes, levando em conta que, mesmo sem tomar parte materialmente na insurreição, a instituição eclesiástica assegurou sua logística (VILAR, 1989: 69-70).

O relato do escritor George Orwell, em sua obra *Lutando na Espanha*, nos revela com acuidade o aspecto político da guerra. Exemplo de intelectual engajado, Orwell pertencia a uma milícia ligada ao Partido Operário de Unificação Marxista (P.O.U.M), que fazia oposição ao stalinismo e, outrossim, pretendia modificar alguns pontos da doutrina marxista. Para o escritor, “ao irromper a luta em 18 de julho, é provável que todos os antifascistas na Europa tenham sido tocados pela esperança, pois ali, finalmente, pelo que parecia, a democracia punha-se de pé contra o fascismo” (ORWELL, 1967: 53). A proposta de Franco era derrubar um governo à esquerda do espectro político, através de um motim militar apoiado pela aristocracia e pela Igreja. Em contrapartida, acredita Orwell, Franco tinha contra si não só a classe trabalhadora, mas também setores da burguesia liberal. A resistência da classe trabalhadora foi acompanhada, nos dizeres do autor, de uma “explosão revolucionária definida”, “a terra foi tomada pelos camponeses e muitas fábricas, bem como a maior parte dos meios de transporte, caíram em mãos do sindicato. As igrejas foram destroçadas e os sacerdotes expulsos ou mortos” (Idem, 1967: 54). Segundo Orwell, o jornal *Daily Mail*, de projeção internacional, sob pressão do clero católico, chegou a apresentar Franco como patriota que libertava o país das hordas de “vermelhos demoníacos”. A proposta era utilizar mais um momento histórico como chamariz da concretude maléfica atribuída ao comunismo, como visualizamos a partir do excerto a seguir, retirado de uma matéria do jornal católico *O Santuário*:

A guerra civil na Espanha que tem suspensa a atenção do mundo inteiro é muito mais do que uma simples revolução parcial, do que um movimento patriótico nacional; é o choque entre duas grandes ideias, é a luta de vida ou de morte entre dois princípios: a autoridade e a ordem de um lado e a tirania e a desordem de outro. É a civilização cristã, que criou a organização e a ordem social atual

e o neo-paganismo, que quer implantar novamente o caos e destruir a dignidade e soberania do homem.¹

A cobertura da guerra civil espanhola n' O Santuário

Importante enfatizar que as notícias a respeito das “barbaridades” praticadas na Espanha pelos comunistas dominaram as páginas do jornal, sempre apontando aspectos negativos dos mesmos. O argumento central residia nas ações dos “vermelhos”, acusados de atentar contra padres, freiras, igrejas e conventos. Outro ponto que exasperava as autoridades eclesiásticas era a ajuda fornecida por países como Rússia e França no envio de armas e munição em auxílio do governo espanhol. Não só: “Se o povo brasileiro não perseguir e capturar essas feras, que se denominam extremistas, teremos um mar de sangue e lama a alagar nossa pátria”.²

Levando em conta tais considerações, se faz necessário recorrermos novamente às observações de Pierre Vilar:

A guerra civil determinou, nos dois campos, paradoxos e contradições. O espírito de *pronunciamento*³ era socialmente conservador, ideologicamente antiliberal (no sentido do século XIX). Para alguns setores, no campo republicano, ter vencido o exército abria caminho para uma revolução. Mas, na atmosfera dos anos 30, convinha às autoridades sublevadas, para tranqüilizar o povo e para não chocar o mundo, se denominarem ‘sociais’ sem pronunciar a palavra ‘fascismo’; convinha às autoridades republicanas limitar os tumultos sociais, para escapar a suspeita de bolchevismo. Aliás, precauções inúteis: a opinião mundial se dividiu, salvo exceções limitadas, entre aqueles que viram na República espanhola a liberdade, lutando contra o fascismo, e aqueles que viram, rapidamente encarnados em Franco,

¹ “Choque de Ideas”. In: *O Santuário*, 08 de agosto de 1936, p. 1. Nas citações da fonte, manteve-se a grafia original do Jornal.

² “De sentinella”. In: *O Santuário*, 15 de agosto de 1936, p. 1.

³ “A Espanha de Franco sempre negou dever sua origem a um *pronunciamento*, atribuindo-a a um movimento (el glorioso movimiento) profundamente nacional. É verdade que ele se apoiou em importantes forças político-sociais. No entanto, tratase antes de mais nada de uma conspiração militar”. VILAR, Pierre. Op. cit., 1989, p. 34.

Marco Antônio Machado Lima Pereira

os velhos valores (religião, família, pátria) servindo de alvo às ameaças de Moscou (VILAR, 1989: 75).

Amparados pelo relato de um certo deputado espanhol, o jornal *O Santuário* não poderia deixar de reproduzir e, ao mesmo tempo, considerar o saldo das ações desencadeadas pelos comunistas entre 10 de fevereiro a 02 de abril de 1936, ou seja, antes de irromper a Guerra Civil, para validar as impressões negativas referentes ao campo republicano:

Assaltos – 58 sédes de partidos; 72 edificios públicos e particulares; 33 só a casas de habitação; 36 a igrejas destruindo tudo. Incêndios – 72 em séde de partidos; 45 em edificios públicos e particulares; 15 em casas de habitação; 106 em igrejas das quaes 56 arderam por inteiro. Greves geraes – 11; Desordens sangrentas 169; fuzilamentos 36 – Attentados a tiro 85 – á bomba 24 – feridos 345 – mortos 74.⁴

Os líderes católicos no Brasil e no mundo ficaram perplexos diante das notícias provenientes do cenário político espanhol, uma vez que “os horrores praticados na Hespanha e na Rússia superam tudo o que o mundo presenciou até agora. Tudo faz prever coisas ainda piores”.⁵ Seguindo o discurso católico, as ações empreendidas pelos comunistas espanhóis foram “[...] talvez ideadas e executadas por alguns poucos”, contudo, “[...] é certo que as horríveis depredações e profanações de igrejas, os ataques infames aos conventos e seminários foram praticados por centenas e milhares de pessoas”.⁶ Outro indício da preocupação dos católicos, exacerbada pelo contexto espanhol, sobretudo no Brasil, foi a conferência sobre o comunismo realizada na Academia Brasileira de Letras por um certo padre Fallon, catedrático da Universidade de Louvain [Bélgica], onde o orador “affirmou prescindir de tratar das monstruosidades, das iniquidades, dos factos revoltantes, que se dão na Rússia. Preferiu se ocupar da maneira porque a dictadura tudo obteve do povo russo”.⁷ Provocando uma reação

⁴ “Variedades”. In: *O Santuário*, 15 de agosto de 1936, p. 2.

⁵ “Panorama mundial”. In: *O Santuário*, 29 de agosto de 1936, p. 1.

⁶ “O espírito das massas”. In: *O Santuário*, 31 de outubro de 1936, p.1.

⁷ In: *O Santuário*, 29 de agosto de 1936, p. 1.

violenta da parte dos católicos, a grande maioria das matérias enfatizava que os atos cometidos pelos “extremistas” [no caso, os comunistas] foram idealizados e executados por uma minoria, o que contribuiu para a divulgação de uma imagem deturpada dos republicanos – uma frente reunindo socialistas, democratas e comunistas, contando com o apoio instável dos anarquistas – apresentados simplisticamente como “comunistas” (MOTTA, 2002: 21). Para o padre João Batista, vivia-se uma alucinação coletiva:

Ao lermos as notícias das atrocidades que os communistas hespanhoes há trez mezes estão commettendo, ficamos extremamente horrorisados e concordamos em dizer que isto é mais que crueldade deshumana, é mais que ferocidade bestial, é maldade diabólica: é somente por instigação do demônio que podem chegar a estes extremos de perversidade.⁸

Neste artigo/editorial o comunismo é mais uma vez tratado como patologia,⁹ visto que o padre João Batista prescrevia a educação religiosa como o único medicamento eficaz no combate à “ideologia malsã”. Não obstante, padre João Batista acrescenta:

É, por conseguinte, dever de todos, lutar contra o communismo, reagir contra a propagando, condemnar sua acção, prevenir e esclarecer os que estão em perigo ou já foram contagiados, ajudar a formar pela palavra e pela imprensa uma atmospheria de reprovação decidida do communismo, apoiar o combate das autoridades religiosas e civis contra elle. Quem se conserva indifferente mesmo perante o perigo communista e a vista de suas horriveis ameaças contra a Religião, é certamente do numero dos que N. Senhor disse que os cuspirá de sua bocca.¹⁰

⁸ “O espírito das massas”. In: *O Santuário*, 31 de outubro de 1936, p. 1.

⁹ Para Rodrigo Patto Sá Motta, “a representação do comunismo como enfermidade remete ao tema correlato da ‘infiltração’. Tal qual uma doença, os comunistas foram denunciados como um grupo dedicado a infiltrar-se nos organismo sociais, debilitando-os internamente”. Op. cit., 2002, p. 54.

¹⁰ “Christo vence”. In: *O Santuário*, 12 de dezembro de 1936, p. 1.

Marco Antônio Machado Lima Pereira

O receio dos católicos não arrefecera, na medida em que o retrospecto da segunda metade do ano de 1936, com a deflagração das lutas na Espanha, trouxe temor e mesmo revolta aos católicos. De um lado, temor pelas estratégias do comunismo, que avançava pela Europa, tendo como alvo uma nação católica. De outro, revolta diante dos atos anti-religiosos atribuídos aos comunistas espanhóis. Dito isto, o artigo/editorial que substancialmente realça os horrores cometidos pelos comunistas espanhóis merece ser aqui destacado:

Atrocidades e abominações sem nome continuam maculando a infeliz Hespanha. A luta sanguinária e feroz que lá se vae desenvolvendo, em lances de uma dramaticidade até hoje inconcebível, está revelando ao mundo estupefacto e aterrorizado a fúria satânica, os instintos barbaros, o coração perverso e a alma immunda dos adeptos do credo bolchevista. Demônios em figuras humanas. Agentes do inferno, despojados de todos os sentimentos de humanidade. Campeões universaes do crime e da barbaria. Criaturas nefandas, que deviam ser relegadas entre os tigres e as hyenas.¹¹

Interessante também mencionar o processo de “demonização” do comunismo levado a efeito por este órgão católico”, mediante o emprego de expressões: “Demonios em figuras humanas” e “Agentes do inferno”. Torna-se plausível efetuar esta identificação, já que num convento, localizado entre Barcelona e Harabel, “[...] 30 religiosas foram despidas e deixadas nuas por homens que conduziam, em uma bandeija, varias cabeças de padres (narração feita por uma das victimas, uma jovem freira de Assumpção, ao jornalista francês René Lignac, redactor do ‘Jour’).¹²

O panorama político mundial parecia cada vez mais “contaminado” pela ameaça comunista, visto que o numeroso exército russo pretendia impor aos espanhóis o regime soviético, parte de um plano maior, o de “[...] levar a todos os paizes as suas idéas de combate contra Deus e de

¹¹ “Atrocidades e abominações”. In: *O Santuário*, 03 de outubro de 1936, p. 1.

¹² Idem, *ibidem*.

subversão da ordem social estabelecida por Deus”.¹³ Contudo, os comunistas não estavam sozinhos na transformação do cenário político espanhol num quadro trágico, juntamente com eles: “o dedo da maçonaria universal, do judaísmo internacional que jurou a destruição de toda idea christã e de tudo o que é santo, sagrado, sobrenatural”.¹⁴ Isto posto, os clérigos recomendavam o uso do terço, uma arma poderosa que já derrotara em muitas ocasiões os inimigos mais ferrenhos da religião. Justificava-se o brado de alerta aos católicos, confiantes em Deus, para que a Espanha católica saísse vencedora destas lutas, rejuvenescida e fortalecida. Por outro lado, o artigo coloca em relevo a congruência entre as estratégias dos comunistas pelo mundo, de acordo com os programas elaborados em Moscou, em nome do triunfo universal do comunismo:

Devemos estar sempre alerta contra o communismo e bolchevismo. Os horrores praticados na Hespanha devem nos escarmentar. Os communistas daqui são os mesmo de lá e da Russia: não há differença alguma entre elles. Tempo houve em que se affirmava egualmente que a maçonaria brasileira era diferente da europea. Afinal pelos effeitos se reconhecem a causa e a origem: viu se que era o odio satânico contra a Igreja e sua doutrina, a mesma guerra contra o throno e o altar, o mesmo espírito de laicismo, a mesma ambição. Assim também o communismo. Os planos dos extremistas brasileiros eram os mesmos de lá, seu procedimento idêntico, sua crueldade semelhante, seu odio contra tudo o que é sagrado, Deus, família e patria em tudo egual. E sua propaganda não fica atraz. Devemos por isso oppor propaganda a propaganda, fogo a fogo e não nos deixar acobardar e amedrontar por suas ameaças. Estejamos sempre de sentinella porque o perigo está ás portas.¹⁵

Para as autoridades eclesiásticas, a causa da “imensa desgraça” que se abatia sobre a Espanha calcava-se na orientação anti-religiosa de seus governos. Com efeito, a Espanha “[...] mostra-nos com evidencia terrível, aonde pode chegar um povo que durante cento e trinta annos foi

¹³ “Christo vence”. In: *O Santuário*, 12 de dezembro de 1936, p. 1.

¹⁴ “De sentinella”. In: *O Santuário*, 29 de agosto de 1936, p. 1.

¹⁵ “De sentinella”. In: *O Santuário*, 05 de setembro de 1936, p. 2.

deschristianizado por governos sem Deus, para ser afinal abandonado ao bolchevismo mais desapiedado”.¹⁶

Observe-se que o artigo subsequente traz à tona um elemento importante para a compreensão do lugar reservado aos “estranhos”. Deste modo, em alguns artigos/matérias encontrados em *O Santuário*, verificamos a necessidade dos católicos em apresentar mais uma vez a suposta ligação entre os maçons e os comunistas, a fim de colocá-los no lugar do “inimigo” da religião, sobretudo no que diz respeito à Guerra Civil Espanhola, conforme podemos ler no seguinte excerto:

A maçonaria hespanhola publicou um manifesto declarando que desde o começo das lutas se conservou decididamente ao lado do governo comunista, ajudando-o com todos os meios. Está certo, a maçonaria sempre e por toda parte é a grande inimiga da Religião Catholica e aliada de todos os inimigos da Religião. Por isso também na Espanha é boa amiga desses abominaveis que entre as mais repugnantes atrocidades sacrificaram milhares de moças indefesas só por serem Religiosas ou catholicas fervorosas, milhares de sacerdotes e de catholicos. Mais uma vez a maçonaria mostrou o que é e provou que a Igreja tem toda razão em lançar a pena de excomunhão sobre todo catholico que nella se alista.¹⁷

Dito isto, cabe explorarmos, à luz de uma matéria cujo título não deixa de ser sugestivo: “Comunismo e Maçonaria; armas do judaísmo”, a associação levada a efeito pelo jornal *O Santuário*, vinculando judaísmo e comunismo. Para tanto, o periódico em questão aceita as considerações do coronel Azambuja Villa-Nova da 7ª Região Militar de Recife, quando este pondera que a maioria dos maçons brasileiros ignorava que “[...] sob a capa de – Igualdade, Fraternidade e Humanidade – a maçonaria não passa de uma organização destinada, exclusivamente, a batalhar pelo supremo interesse do judaísmo; – a dominação do mundo”.¹⁸ Nos dizeres do coronel

¹⁶ “O momento presente”. In: *O Santuário*, 26 de dezembro de 1936, p. 1.

¹⁷ “De sentinella”. In: *O Santuário*, 27 de fevereiro de 1937, p.1.

¹⁸ “Comunismo e Maçonaria; armas do judaísmo”. In: *O Santuário*, 04 de dez. de 19367, p. 2.

Villa-Nova, a organização maçônica seria antes de tudo judaica, uma vez que assim como o comunismo a maçonaria também serviria como instrumento incontestado do judaísmo a serviço da “dominação do mundo”. Com o propósito de embasar esta tese, ele advoga que “[...] o primeiro governo soviético compunha-se de 30 membros, dos quais, 29 eram judeus. A revolução bolchevista foi feita com dinheiro dos judeus norte-americanos”.¹⁹ Ademais, Villa-Nova defendia o fechamento das lojas maçônicas, acusadas por ele de serem apenas “reservas do comunismo”. A referida matéria, ao trazer para perto dos leitores fiéis tal ameaça, simbolizada no pretense complô promovido pelos comunistas, maçons e judeus, atesta que haveria uma ligação entre a Internacional Comunista e os levantes de novembro de 1935, conferindo destaque à suposta participação de judeus no episódio:

Isto posto, lançando-se um golpe de vista para o mapa sulamericano, vê-se logo a importância capital que terá para o judaísmo, o domínio, no Brasil. Dahi, toda sua força para conseguir. Até então, a maçonaria era mantida em reserva, porque o Komintern julgou que Prestes chegaria facilmente ao poder, com o golpe de Novembro de 35. O fracasso desse golpe desesperou os judeus que lançam mão dos últimos recursos; inclusive o da maçonaria, mesmo com o risco de rasgar-se o véu de filantropia e cooperativismo, que até hoje a envolve perante tantos ingenuos.²⁰

Contudo, ao lado dos maçons e dos comunistas, os protestantes também ocupariam o lugar reservado aos “estranhos”, como depreende-se a partir do recorte a seguir: “Da Hespanha vem a notícia que os protestantes se uniram com os communistas, apoiando a destruição de milhares de igrejas e o assassinato de milhares de sacerdotes e religiosas e catholicos leigos”.²¹ Por outro lado, como os católicos centralizavam no comunismo todos os seus esforços na campanha contra os chamados “inimigos da

¹⁹ “Comunismo e Maçonaria; armas do judaísmo”. In: *O Santuário*, 04 de dez. de 1937, p. 2.

²⁰ Idem, *ibidem*.

²¹ “Pescadores de águas turvas”. In: *O Santuário*, 19 de junho de 1937, p. 1.

Marco Antônio Machado Lima Pereira

religião”, as autoridades eclesiásticas alertavam para o fato de que seria necessário aos fiéis redobram a atenção ante a presença dos protestantes e dos maçons:

Ora aproveitam-se elles desse colapso para se alastrarem como tirica e ganharem adeptos e sequazes. Lembrem-se os catholicos da expressão da Escriptura, o inimigo e o ladrão vem quando estamos dormindo ou descuidados e que o demônio nos circunda como um leão que ruge procurando nos devorar. Por isso devemos estar sempre alerta e não esmorecer no combate para que livrandos de um inimigo não caiamos nas garras de outro.²²

Como não poderia deixar de ser, o Papa Pio XI também dedicou algumas linhas a respeito dos “horrores do comunismo na Hespanha” através da Encíclica *Divini Redemptoris*, editada pelo Sumo Pontífice em março de 1937 [também chamada “Encíclica sobre o comunismo” pelos articulistas do jornal *O Santuário*]:

O furor comunista não se limitou a assassinar bispos e milhares de sacerdotes, de religiosos e religiosas, buscando de modo particular aquelles ou aquellas que, precisamente, se occupavam com maior empenho dos operários e pobres, senão que fez um numero maior de victimas entre os leigos de toda condição, que até no presente vêm, pode-se dizer cada dia, assassinados em massa pelo delicto de serem bons christãos ou pelo menos adversarios do atheismo comunista. E uma tão espantosa destruição é cumprida com um odio, uma barbarie e uma ferocidade que não se creria possível em nosso seculo. Não pode existir um homem privado que pense com cordura, nem um homem de Estado consciente de sua responsabilidade, que não estremeça ante o pensamento que o que hoje ocorre na Hespanha pode repetir-se amanhã em outras nações civilizadas.²³

Cumpre-nos destacar que a postura do jornal permaneceu a mesma na maneira de “retratar” o comunismo e/ou os comunistas, tanto no

²² “De sentinella”. In: *O Santuário*, 12 de junho de 1937, p. 1.

²³ “Encyclica sobre o comunismo. Continuação: dolorosos efeitos”. In: *O Santuário*, 26 de junho de 1937, p. 1.

contexto da “Intentona Comunista” como no da Guerra Civil Espanhola. Desta vez, os “agentes de Moscou” pretenderiam levar a cabo seu projeto de transformar a Catalunha em base de difusão comunista, lutando pela sua independência. Ao tornar-se uma República Socialista Soviética, a Rússia fornecer-lhes-ia todo material necessário, como armamentos e dinheiro, a fim de promover conspirações e atentados para a reconquista do poder na Espanha. De fato, este seria o primeiro passo, como inferimos nesta passagem:

A outra utilidade da nova republica soviética seria a instalação, na parte extrema do continente europeu, dentro do Mediterraneo, próximo do Atlantico, em frente á Italia e nas visinhanças da Inglaterra, de uma base de operações de onde irradiassem toda propaganda e acção comunista sobre o resto do mundo. [...] São enormes as esperanças que os líderes depositam na nova Republica, á qual competirá o papel de distribuidora dos objectos extremistas para o Ocidente, inclusive para os paizes da América do Sul.²⁴

Aos olhos da Igreja Católica, a luta trágica que ensangüentou a Espanha não foi apenas uma luta partidária, mas também uma guerra religiosa opondo cristãos e inimigos da religião, ou seja, embate entre católicos e comunistas. Milhares de voluntários alistaram-se no exército nacionalista em prol do restabelecimento da ordem, da fé e da religião. O povo espanhol deveria se sacrificar, perder a vida se preciso, em prol de uma guerra santa travada contra os invasores comunistas. No combate ao bolchevismo, o catolicismo ocupa o primeiro plano na defesa da civilização cristã, como nos indica o trecho a seguir:

Os catholicos e seus chefes, de todas as partes do planeta, em documentos de severa eloquência tem manifestado sua repulsa ás doutrinas e realizações marxistas. Em nome da totalidade dos fiéis e com a autoridade única de chefe supremo da Igreja, a voz enérgica de Pio XI já se fez ouvir, mais de uma vez, advertindo seus filhos do perigo vermelho e condemnando (como acaba de fazer com relação

²⁴ “Variedades”. In: *O Santuário*, 05 de setembro de 1936, p. 2.

Marco Antônio Machado Lima Pereira

á Hespanha) as perseguições movidas pelos extremistas aos catholicos e aos seus ministros.²⁵

O suposto discurso de despedida de um adolescente de 16 anos que pediu a sua mãe permissão para combater os “vermelhos” denota o significado da guerra civil espanhola para os católicos. Uma vez morto em combate, pela causa da fé, seria necessário imputar ao adolescente o status de mártir: “Mãe, não reze para que eu escape da morte, reze para que o comunismo seja exterminado e que Deus não seja offendido na Hespanha. Para isto darei com gosto minha vida”.²⁶ Para o catolicismo o sangue dos mártires consubstanciou-se numa semente fecunda para arregimentar novos crentes, a exemplo do que aconteceu na URSS, no México, Espanha e em todos os lugares onde a religião sofreu perseguições. Tornava-se imperativo aos fiéis católicos oferecer o suor, e mesmo a vida, na defesa da religião, como forma de fazer florescer a vida e os costumes cristãos contra aqueles que atacam, insultam ou planejam prejudicá-la. Portanto, parte do programa bolchevista residiria na destruição de tudo o que em muitos séculos foi construído pela religião cristã.



Figura 1 – Fonte: Écos Marianos, p. 90, 1936.

²⁵ “Os catholicos e o marxismo”. In: *O Santuário*, 26 de setembro de 1936, p. ²⁶ “Heroísmos”. In: *O Santuário*, 02 de fevereiro de 1937. p. 1.

A figura acima, cujo título é *O iminente perigo do comunismo*, nos remete aos conflitos políticos da Espanha republicana, sobretudo no que diz respeito a profanações de igrejas, um dos temas centrais encontrados em artigos/matérias ao longo do ano de 1936 no periódico católico *O Santuário*. Retirada de um artigo que exalta as catedrais da Espanha, a imagem busca fixar a idéia de que os comunistas são adeptos da violência e destruição.

Com efeito, o artigo intitulado *Cuidado com o comunismo* é mais incisivo ainda. Nele o autor chama a atenção para o caso brasileiro, a partir das práticas supostamente encetadas pelos comunistas na Espanha. Segundo o artigo, os brasileiros não teriam atinado para o brado de alerta do papa Pio XI acerca do pretenso risco que pairava sobre a humanidade, especialmente se esta caísse nas “garras” do comunismo. Portanto, os católicos brasileiros deveriam se unir junto às autoridades eclesiásticas e civis, ao contrário do que teria ocorrido na Espanha, pois “[...] os católicos cruzaram os braços, deixaram os da esquerda tomar conta do governo, julgando que na católica Espanha não entraria o negregado bolchevismo”.²⁷



Figura 2 – Fonte: *Écos Marianos*, p. 92, 1936

A figura 2 também relaciona-se com o cenário político espanhol, mostrando uma milícia comunista atirando contra o monumento do Cristo em Madri. A utilização da imagem analisada serve para contrastar com a imagem logo a seguir, onde alguns soldados espanhóis nacionalistas participam de uma missa em pleno campo de batalha. As duas representações gráficas servem para atribuir algumas distinções entre os

²⁷ “Cuidado com o comunismo”. In: *Écos Marianos da Basílica Nacional*, 1936, p. 92.

Marco Antônio Machado Lima Pereira

pólos em conflito, tais como: comunistas, ateus, profanadores X católicos, crentes, nacionalistas. Ou ainda: Deus, religião, ordem, cristianismo, Roma X Satanás, ateísmo, indisciplina, comunismo, Moscou.



Figura 3 – Fonte: Écos Marianos, p. 93, 1936.

No percurso da análise, depreende-se na figura 4 que a mulher comunista ganhou destaque na produção noticiosa do jornal *O Santuário*, especialmente no artigo do Ecos Marianos da Basílica Nacional, intitulado Uma moça comunista armada em Barcelona. Em poucas linhas o autor faz uma observação muito interessante a esse respeito, ao lamentar que assim como na Rússia também na Espanha “[...] as mulheres se deixaram seduzir pela doutrina comunista, prestando seu concurso ativo na obra destruidora, deshumana e sacrílega dos soviets”.²⁸ Buscando sempre enfatizar a outra face da “moeda”, o autor estampou na página seguinte uma foto da juventude feminina espanhola, que simboliza a esperança de dias melhores para aquele país, levando em conta que tal movimento protestava contra os supostos crimes e barbaridades cometidos pelas “patrícias comunistas”.



Figura 4 - Fonte: Écos Marianos, p. 93, 1936.

²⁸ “Cuidado com o comunismo”. In: *Écos Marianos da Basílica Nacional*. p. 94.

Bibliografia

- KOWALEWSKI, D. & GREIL, A. L. "Religion is opiate: church and revolution in comparative structural perspective". *Journal of Church and State*, vol. 32, Number 3, p. 511-526, 1990.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ORWELL, George. *Lutando na Espanha e o ensaio: recordando a guerra civil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- VILAR, Pierre. *A guerra da Espanha, 1936-1939*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Recebido em março e aprovado em julho de 2009.